

# A CRISE DA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA

**Aluno: Maykon da Silva**

**Orientador: Luciano Ximenes Aragão**

## **Introdução**

Tem-se nesse trabalho uma adaptação do artigo enviado ao XVII Encontro Nacional dos Geógrafos 2012, a se realizar em Belo Horizonte, MG, intitulado *A Geografia contemporânea: diálogos possíveis*. É, portanto, uma parcela de uma reflexão maior ainda em fase inicial sobre a epistemologia e o objeto geográfico – o espaço.

As crises na Geografia foram frequentes desde o seu nascimento como ciência. Fruto da modernidade, a institucionalização da Geografia já nasceu entre os dois pólos epistemológicos, onde, se não pudermos ser enfáticos na ideia de que um pólo para se afirmar negava o outro, pelos menos se tornou notável a tensão entre eles. Essa dicotomia, entre outras que estiveram presentes no saber-fazer da geografia ocasionou o leque de possibilidades de entendimento dessa disciplina que temos hoje. Não é fortuito que [4], ao refletir essa gama de possibilidades, tenha chamado a atenção para o fato que a Geografia é o que os geógrafos dela fizeram.

Essa infinidade de possibilidades levanta questionamentos quanto ao papel dessa ciência. As discussões a esse respeito sempre se colocam necessárias para a sua revalidação, sobretudo, para a revisão de seus métodos e técnicas, para o aprofundamento da discussão sobre seu objeto.

## **Objetivos**

A busca constante de esclarecimentos quanto ao papel dessa ciência se torna importante na medida mesma em que o movimento do real não é estático, exigindo “novas” (ou mesmo a renovação de abordagens) para decifrar a relação sociedade/espaço. Para tanto o presente trabalho objetiva levantar questionamentos que se fazem necessários para sedimentar o papel da Geografia frente às demais ciências. O que é fazer Geografia? Para que ela serve? Qual a sua especificidade? São inquietações que fazem parte dessa ciência ao longo de sua história, e que são importantes para a legitimação de sua identidade.

## **Metodologias**

As inquietações ora referidas – o papel da geografia, para que ela serve, e a quem serve – encontram-se expostas em diversos autores, que inter-relacionados tentam respondê-las, seja implícita, seja explicitamente. Destacamos as leituras de alguns autores entre os quais [1,3]. A escolha deve-se ao fato desses autores abordarem em suas reflexões as inquietações aqui presentes, sendo válida também a interlocução com outros autores fora da Geografia que tratam de discussões sobre o espaço como Fábio Duarte em seu livro *Crise das matrizes espaciais*, demonstrando a crise propriamente dita e que serve de referencial aqui para identificar a crise contemporânea a partir de outras perspectivas. Incluímos também [6,7], devido ao seu legado intelectual em torno do pensamento geográfico. Trata-se de uma longa obra que acompanha um movimento coerente com as referidas transformações do real e que

revelam cumulações significativas em que o movimento do pensamento conduz respostas no sentido de sistematizar discussões sobre o método e o objeto da ciência geográfica.

O pressuposto fundamental que nos orienta é que a cada grande transformação das relações entre sociedade e espaço, a geografia é convidada a participar do debate, revisando seus métodos e seu objeto. Pensamos que o geógrafo e o professor de geografia se debruçam sobre a “ordem do mundo” que ganha materialidade a cada mudança social que incluem mudanças espaciais. Não é demais lembrar que cada momento histórico tem sua geografia. Assim, diacronia e sincronia são pares dialéticos que nos ajudam a compreender a tessitura da complexa realidade que se descortina em qualquer momento e aí reside a riqueza do debate, capaz de demonstrar os paralelos entre os papéis do *Aedo* grego e o do profissional de geografia (seja ele licenciado ou bacharel).

É assim que a contribuição deste trabalho ganha significado especial, sobretudo se acrescentamos aqui [1], para quem a condição humana é por excelência uma condição espacial, revelando-se deste modo a importância da Geografia para o entendimento do Homem no mundo já que todas as ações humanas se dão no e a partir do espaço, aqui desprezando a ideia clássica de se considerar o espaço como palco onde os eventos acontecem, ou como nos adverte o filósofo Henri Lefebvre (1976), um continente sem conteúdo.

## Conclusões

Os diálogos ora travados sempre fizeram e sempre farão parte da construção dessa ciência que interpreta o real. As transformações das relações e as transformações desencadeadas sobre a espacialidade exigem que a Geografia esteja pronta para se “reinventar” em meio à crise e buscar metodologias de compreensão dessas mudanças. É salutar que essa ciência esteja engajada com a elucidação da crise elaborando uma “geografia da crise” – nos moldes ora refletida por [1] – e a sua conseqüente superação, afirmando uma teoria do espaço *para e do* homem e não de sua opressão [5].

## Referências

- 1 - CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011;
- 2 - DUARTE, Fábio. *Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Perspectivas: FAPESP, 2002.
- 3 - GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 (1996).
- 4 - HARTSHORN, R. *Natureza e propósitos da geografia*. São Paulo: Editora HUCITE, 1978.
- 5 - PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia está em crise: viva a geografia. In: Moreira, Ruy (org.). *Geografia, Teoria e Crítica*. O saber posto em questão. Petrópolis: Editora Vozes, 1981;
- 6 - SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006 (1996).
- 7- \_\_\_\_\_. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1978.